

'Temos que manter a desvalorização gradual'

Para economista, Governo agiu com firmeza necessária na área fiscal e deve melhorar suas contas, mesmo sendo recessivo

ENTREVISTA

Pedro Bodin

O bicho-papão que atormentou as economias do mundo nas últimas semanas é menos feio do que parece. Essa é a opinião do ex-diretor do Banco Central Pedro Bodin, hoje diretor de riscos do

Icatu, um dos maiores bancos de investimentos do país. Apesar de ter enfrentado uma situação de risco inédita, pela velocidade com que a crise derrubou o preço dos ativos em escala global, Bodin diz que não perdeu o sono um só dia durante a tempestade financeira, mesmo administran-

do R\$ 2 bilhões em fundos de ações e de renda fixa. Quanto ao Brasil, Bodin é otimista: o país está no caminho certo, o Governo agiu com firmeza necessária na área fiscal e, para defender o real, pode até dobrar as apostas. "Para errar numa direção, é melhor errar sendo recessivo".

Cecília Costa, Cristina Alves e Roberto Machado

O GLOBO: Quais são os riscos do Brasil hoje?

PEDRO BODIN: A estratégia está correta: temos um compromisso com a estabilidade. Com inflação baixa, assistimos a uma retomada dos investimentos. Nosso processo de abertura da economia não foi interrompido e é por isso que tivemos o crescimento do déficit em conta corrente. Quando o programa de estabilização foi bem-sucedido, os investidores passaram a olhar para cá com mais interesse. Isso mostra que o déficit cresceu porque o país está no caminho certo.

Alguns acham que o déficit é indício de vulnerabilidade...

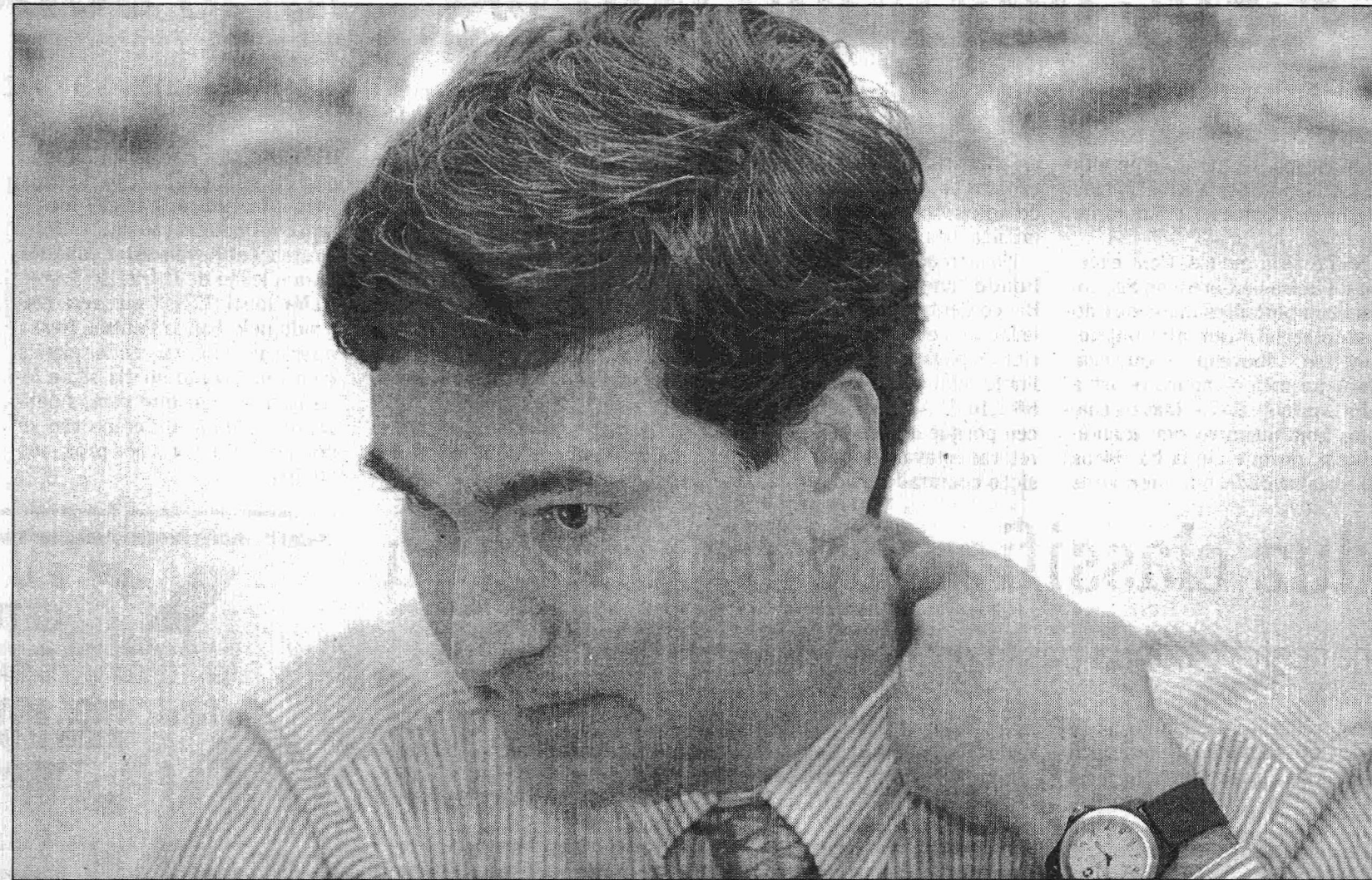
BODIN: No Brasil, dois fatores causavam desconforto: o déficit em conta corrente, que vinha aumentando, e o déficit público, que continua alto. Porém, nosso déficit era perfeitamente financiável na conjuntura do mundo, até pouco tempo atrás. O Governo estava diminuindo os déficits. E, apesar de dizerem que o ritmo era lento, ninguém falava que a direção estava errada.

Houve relaxamento em relação ao déficit em conta corrente?

BODIN: Não diria relaxamento. Para o mundo de 1996, a trajetória do país não era preocupante. Se olhasse para o mercado, não havia preocupação excessiva. Ao contrário: ativos e investimentos estavam subindo e os juros, caindo. Já no ano passado, Alan Greenspan disse que o mundo estava supervalorizado. Este ano, isso ficou claro e alguns financiadores começaram a olhar para os países da Ásia e constatarem grandes déficits em conta corrente.

O déficit dos países asiáticos provocou a crise?

BODIN: Em princípio foi só a Tailândia, que estava com maior déficit em conta corrente. O Governo de lá quis defender o câmbio,



PEDRO BODIN, diretor de riscos do banco Icatu: "Não podemos mais contar com o financiamento do déficit em conta corrente. Temos que atacar o déficit"

mas não resistiu. E fez uma desvalorização desordenada da moeda, quando o país estava praticamente sem reservas.

E atingiu toda a região...

BODIN: Começou na Tailândia, mas houve contágio para os outros países. Malásia, Filipinas, Indonésia, todos começaram a ter problemas e desvalorizaram as moedas. Aqui, a interpretação era de que o desconforto na Ásia poderia favorecer a América Latina, que assim atrairia mais capitais.

Não foi um pouco de ingenuidade achar isso?

BODIN: O que mudou a situação foi o fato de Taiwan, com superávit em conta corrente e reservas elevadas, deixar o câmbio flutuar.

'A estratégia está correta: temos um compromisso com a estabilidade. Com inflação baixa, assistimos a uma retomada dos investimentos. O déficit cresceu porque o país está no caminho certo'

PEDRO BODIN

Diretor de riscos do Banco Icatu

Imediatamente, as pessoas olharam para a Coreia do Sul e para Hong Kong. E aí, houve o ataque em Hong Kong.

Por causa da vinculação da moeda ao dólar, não?

BODIN: Exatamente. Houve uma pressão enorme, os juros foram para a estratosfera, as bolsas des-

pençaram. Somente aí tivemos a percepção de que não era um problema regional, de países bons ou ruins. Os investidores passaram a olhar principalmente para quem tem déficit elevado em conta corrente.

E o Brasil?

BODIN: Criou-se um novo cená-

rio para o Brasil: a estratégia que podia fazer sentido em 1996 ficou tremendamente arriscada neste ano de 1997. Não podemos mais contar com o financiamento que tivemos até agora. Temos que atacar o déficit. Havia projeções de que precisaríamos, sem contar com renovações e amortizações, de algo em torno de US\$ 35 bilhões a US\$ 40 bilhões para o ano que vem.

Isso porque o país perdeu muitas reservas.

BODIN: Ataque ou não, ficou insustentável ter déficit em conta corrente depois do que aconteceu no mundo. Temos que aumentar a poupança privada. O segundo passo é diminuir a despesa do Governo, que agiu cer-

to, na hora certa, no aumento dos juros e na área fiscal.

Mas o Governo não agiu de forma racional e sim emergencial, para reagir à crise das bolsas.

BODIN: É fácil dizer o que deveria ter feito antes. O Governo agiu de forma enérgica, no momento certo. Reserva é feito seguro, tem que ser usada numa emergência. Mas os fundamentos da economia têm que estar alinhados.

É possível recuperar essas reservas?

BODIN: As medidas foram certas, mas não dá pra dizer que serão 100% eficientes. Porém, tenho a impressão de que, se o remédio não for suficiente, podem ser tomadas medidas adicionais. Apostar que tudo vai dar errado e que o Governo fará uma desvalorização desorganizada da moeda é muito arriscado.

O que seria uma desvalorização desordenada?

BODIN: O Banco Central sair do mercado por falta de reservas. Nesse caso não teríamos idéia de para onde iria o câmbio. Hoje, o mais provável é o Governo continuar desvalorizando a moeda no ritmo atual (5% ao ano).

Essa é a aposta brasileira?

BODIN: Exatamente. Mesmo se o câmbio estiver errado 10% ou 15%, temos que continuar com a estratégia atual: desvalorização gradual da moeda, ajuste fiscal e política dos juros, dobrando a aposta se for necessário.

Após a tormenta, o Brasil deveria criar mecanismos para evitar a volatilidade dos capitais?

BODIN: Nós já temos esses mecanismos. Não temos capitais voláteis de curto prazo. Ao contrário, temos uma estrutura que tributa o capital. Mais importante é reconhecer que o mundo mudou e vai punir quem tiver déficit em conta corrente. O jeito é melhorar as contas do Governo. Para errar numa direção, é melhor errar sendo recessivo.

Márcia Foletto